



A ARTE NA FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO: DISPOSITIVO DE ESCUTA AO SOFRIMENTO DOS ESTUDANTES

ARTS IN THE PSYCHOLOGIST'S EDUCATION: A LISTENING DEVICE TO THE SUFFERING OF STUDENTS

Maria de Fátima Pessoa de Assis¹
Alexandre Ribeiro Aquino²

Resumo

A presença de sofrimento psíquico em alunos do curso de psicologia nos levou à elaboração de um dispositivo de acolhimento a esses estudantes, de inspiração psicanalítica, cujo método foi a intervenção grupal mediada por recursos artísticos diversos. Foram realizados quatro encontros em espaços além da sala de aula. Os resultados da intervenção revelaram que o uso de objetos estéticos e culturais (objetos transformacionais) em contexto grupal contribuiu para a restituição da palavra como meio de ancoragem simbólica de angústias, abrindo um campo fecundo capaz de restituir criatividade e poesia à vida dos estudantes.

Palavras-chave: Palavras-chaves: Arte; psicanálise; sofrimento psíquico; formação do psicólogo.

Abstract

The presence of psychic suffering in students of the psychology program led us to the development of a psychoanalytically inspired device to welcome these students with a method of group intervention mediated by varied artistic resources. Four meetings were held in spaces other than the classroom. The results of the intervention revealed that the use of aesthetic and cultural objects (transformational objects) in a group context helped change the word as a means of symbolically anchoring anguish, thus opening opportunities to restore creativity and poetry to the students' lives.

Keywords: Art; psychoanalysis; psychic suffering; psychologist training.

¹ Psicóloga, Doutora em Educação Escolar pela Universidade Estadual Paulista, UNESP. Atualmente é professora Adjunto-I, da Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. Email: mafapessoa@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0878-2313>.

² Psicólogo, Bacharel em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás. Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Goiás (UFG), Brasil. Email: alexandreaquino.psi@gmail.com. ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-6613-6726>.

INTRODUÇÃO

Nas sociedades ocidentais, a atualidade é também conhecida como modernidade tardia (Giddens, 1991), capitalismo de consumo, ou ainda, sociedade do espetáculo (Debord, 2007), sociedade excitada (Turcke, 2010) e sociedade do cansaço (Han, 2015). Todas essas designações nos informam sobre o contexto sociocultural da ordem de transformações vertiginosas que acarretam fortes impactos no âmbito dos processos de subjetivação, os quais se referem às nossas formas de ser, pensar, agir e sofrer, aos nossos modos de ser e estar no mundo. Conforme bem destacado por Birman (2012), o sujeito na contemporaneidade se encontra à deriva, quando paradoxalmente o discurso da ciência se torna hegemônico e promete eliminar toda sorte de negatividades e nos conduzir à tão procurada felicidade irrestrita.

Inserido nesse contexto, o aluno do curso de psicologia, ainda em plena fase de elaboração da crise adolescente – com tudo o que isso implica em termos de trabalho psíquico de elaboração de suas escolhas de vida – ainda precisa fazer frente às exigências que a formação do psicólogo lhe exige. Com efeito, estarece-nos, como docentes que atuam no âmbito da graduação em psicologia, o quanto esses jovens se encontram fragilizados, apresentando sintomas de depressão, estresse, fadiga crônica e até mesmo ideação suicida. Enquanto docentes, confrontados com esse cenário preocupante, propusemos a criação de um dispositivo de acolhimento e escuta aos sofrimentos dos estudantes, designado como *Escritas da alma*, cuja proposta era verificar se a arte, aliada à psicanálise, poderia auxiliar na promoção de saúde psíquica aos participantes da intervenção.

Neste artigo, pretendemos relatar a experiência realizada no projeto supracitado, partindo inicialmente da investigação sobre as relações entre arte e psicanálise, a partir de cujos desdobramentos foi possível delinear nossas escolhas metodológicas. Na sequência, apresentamos a memória da experiência, com os respectivos resultados da intervenção. Por último, discutiremos as implicações do referido dispositivo para a promoção da saúde psíquica e para a formação do aluno de psicologia.

ARTE E PSICANÁLISE

Em *O sujeito na contemporaneidade*, Joel Birman (Birman, 2012) constata que há uma mudança crucial na subjetivação no ocidente. Para esse autor, o sonhar como experiência tende a se apagar e em seu lugar emerge a sensação, o apego às imagens, como se estivéssemos em um constante filme de ação, imersos no aqui e agora, sem vivenciarmos a dimensão do sonhar e do fantasiar. Diferentemente da época de Freud, em que o sonhar foi fundamental para a formulação da teoria e da clínica psicanalíticas, o sonho, na atualidade, é entendido como um produto da atividade cerebral, efeito de transformações neurofisiológicas a serem detectadas nos exames de imagem que atestam a qualidade do sono. Assim, numa leitura cientificista, sonho é imagem, vértice de observação bem diferente da ótica psicanalítica, que o concebe como produção plena de sentido, uma realização de desejos, ainda que disfarçados.

Marcados pela cultura do excesso (de consumo, dietas, exercícios, medicamentos, etc.), somos conduzidos ou até mesmo “teleguiados” não ao sonhar como expressão da criatividade simbólica da vida psíquica, que alivia as tensões cotidianas, mas ao sonho traumático ou pesadelo. Nesse último, no lugar do desejo, emerge a compulsão à repetição que arremessa os sujeitos não ao sentido metafórico de seus sintomas, mas à dor do real desértico sem nome, pois se perde a dimensão narrativa do pensamento e da linguagem.

Vivemos no registro do informe e da memória digitalizada, sempre fluida, podendo ser “deletada” a qualquer momento. Assim, invadidos pelo excesso de imagens, não mais conseguimos nos contrapor ao choque imagético com os recursos da fantasia, do sonho e do desejo. Dessa maneira, quase sempre apenas nos resta a hiperatividade, a dor no corpo, a depressão e as compulsões, tendendo sempre à descarga. Tendo em vista esse cenário tão árido para o pensamento, para a reflexão e para a imaginação criadora, como formar futuros psicólogos?

Quando indagado sobre quais os conhecimentos que um psicanalista deveria possuir para o exercício de sua profissão, Freud (1926/2014, p.168) diz, em seu artigo *A questão da análise leiga: Diálogo com um interlocutor imparcial*, que

Por outro lado, a instrução analítica também abrangeria matérias distantes da medicina, com as quais o médico não tem contato em sua atividade: história da civilização, mitologia, psicologia da religião e literatura. Sem bons conhecimentos nessas áreas, o analista deixaria de compreender grande parte de seu material.

Vemos nesse excerto que o criador da psicanálise não imagina como os iniciantes no ofício de tratar o sofrimento psíquico possam formar-se sem a ajuda das artes literárias. Em *O poeta e o fantasiar*, Freud (1908/2017) salienta que, nas grandes obras literárias e mesmo nas artes em geral, encontramos as fantasias de desejo e os sonhos de toda a humanidade. Na presença de uma obra de arte, seja apresentada sob a forma de música, teatro, dança, pintura, escultura, literatura, dentre outros, experimentamos vários sentimentos contraditórios, ao mesmo tempo que buscamos algo que nos ajude a estabilizá-los, integrando beleza e estranheza, sofrimento e alegria. Com efeito, para Frayze-Pereira (2011), a experiência estética acontece no instante em que nos sentimos enigmaticamente envolvidos por um objeto que expressa o si mesmo/*self*, ou seja, que pode dar forma ao que sentimos, às nossas emoções, pensamentos e fantasias.

Para Biazus e Cezne (2010), o fazer criador envolve a revelação da condição original do sujeito como ser faltante por natureza. Assim, é para se defender da morte, do vazio e da ausência que o ser humano é impelido a criar. Tanto para a arte, quanto para a psicanálise, trata-se de se aproveitar da experiência de falta e desamparo para fazer emergir algo novo, uma resposta possível para inscrever a violência pulsional no registro da simbolização.

Quando abordamos os termos “falta” e “desamparo”, faz-se necessário precisar essas noções, no campo específico da psicanálise, desde Freud. Nesse contexto, o sujeito não é uma pessoa, mas o sujeito do inconsciente, isto é, aquilo que fala em mim, à minha revelia, e determina o curso dos acontecimentos de minha vida. O campo simbólico é o campo da linguagem que se expressa na cadeia significante que é tecida das mais variadas formas de linguagem que evocam o objeto, na sua ausência.

O bebê humano nasce em condição de desamparo, posto que demanda a ação específica de um outro que o ampare para garantir sua sobrevivência. Sendo assim, o desamparo é a matriz do nascimento da vida psíquica, que nasce da perda do objeto de amor primordial. Assim, para a psicanálise, ao utilizarmos as expressões “desejo” e “falta”, designamos o processo de constituição do psiquismo inconsciente, cuja origem reside na experiência de satisfação originária do bebê em relação ao seio nutridor que lhe socorre em seu desamparo. Na ausência do seio nutridor, com as experiências de frustração, o ser humano se constitui como ser simbólico e de linguagem, movido pelo desejo/falta, na busca por recuperar a satisfação originária, para sempre perdida. A esse respeito, afirma Lacan (2010, p.288): “o desejo vai dar numa satisfação alucinatória (...) o desejo se satisfaz alhures e não numa satisfação efetiva. Ele é a fonte, a introdução fundamental da fantasia como tal”.

Se aquilo que foi vivido não volta mais e aquilo que desejamos nem sempre se realiza como esperamos, mas sempre mais alguém, nossa vida psíquica é o que nos faz seguir em frente de modo a reinventar a vida, por meio de fantasias e imaginação criadora, artifícios para lidar com a falta/desejo.

Borges (2015), baseando-se no trabalho de Agamben (2009), mostra-nos que a arte e a psicanálise atuam como dispositivos de profanação do funcionamento das máquinas sociais regidas pelo capitalismo consumista e massificante. Tanto a arte quanto a psicanálise, ao fazerem falar o sujeito do desejo inconsciente, afastam-nos da mesmice e dos clichês, potencializando a criatividade e a singularidade; e o fazem subvertendo o sintoma ao dar lugar à dimensão da falta que questiona a ilusão da completude, da harmonia e da perfeição.

Rivera (2016) define a arte como mobilizadora de alívio para o sofrimento: “talvez a arte seja um domínio cultural que, gozando de alguma liberdade em relação às normas e aos valores morais e políticos, reafirma também, antes de tudo, a aposta no compartilhamento como transformação do traumático em fantasia” (p.42).

Para Nosek (2017), assim como as artes, a psicanálise procura imagens e formas para lidar com o sofrimento humano, situando-se entre as disciplinas que se ocupam da construção de imagens. E é nesse ponto que a arte se impõe a nós, psicanalistas: “a linguagem estética é múltipla, plástica, pode conter texturas dinâmicas no sentido musical, timbres, cores, ritmos e tantos outros atributos”. Assim, para esse autor, “a rigor, todos os elementos constitutivos do material das artes e seus produtos podem servir como meios expressivos do inconsciente” (p.75).

A união entre arte e psicanálise como proposta de intervenção com populações jovens e pessoas hospitalizadas também tem se mostrado muito promissora. Nessa direção, encontramos os trabalhos de Poli e Faissol (2015), que utilizaram recursos artísticos na mediação da comunicação com adolescentes, com o objetivo de nomeação dos desassossegos e ancoragem simbólica de angústias. Por sua vez, Barreto e Santana (2015) utilizaram as artes (música e pintura) em grupos de discussão sobre hospitalização com pacientes e seus familiares.

Com base nesta breve incursão sobre estudos que abordam as relações entre arte e psicanálise e, ainda, a partir das sinalizações de Birman (2012), para quem estamos em um momento particularmente desértico para o sonhar e o fantasiar, tão necessários à saúde psíquica, encontramos a inspiração para a elaboração da metodologia da intervenção, o projeto de extensão universitário *Escritas da alma*.

O MÉTODO

Os alunos que participaram da proposta, trinta ao todo, já haviam cursado as disciplinas do eixo psicanalítico das teorias psicológicas, a saber, Psicanálise I (Freud/ quarto período), Psicanálise II (Klein e Winnicott/ quinto período) e alguns já tinham também cursado Psicanálise III (Lacan/ sexto período). Sendo assim, em sua maioria, estavam localizados no meio do curso, que consta ao todo de dez períodos ou cinco anos totais da graduação em Psicologia. Essa referência às disciplinas psicanalíticas cursadas pelos estudantes é importante porque, ao final das apresentações artísticas no grupo, procuramos estabelecer relações entre as experiências vividas e a vida psíquica inconsciente e suas manifestações. Como se trata de relatos de experiências realizadas no âmbito de projeto de extensão universitária, não houve necessidade de submissão a comitê de ética em pesquisa, uma vez que não se trata de investigação em pesquisa. Os relatos aqui expostos não identificam os participantes de modo a preservar suas identidades. A riqueza da experiência construída no grupo justifica seu compartilhamento na comunidade científica, respeitando-se as devidas normas éticas de sigilo. Além disso, a presente ação foi aprovada na Pró-Reitoria

de extensão e cultura da Universidade Federal de Goiás – PROEC, com o número de inscrição PJ735-2018.

Foram realizados, uma vez ao mês, quatro encontros com o referido grupo, os quais duraram cerca de quatro horas cada um, em locais além da sala de aula e cuidadosamente organizados para receber os participantes. Preparamos exposições de poesias em paredes e varais, recursos audiovisuais para que os integrantes do grupo pudessem cantar, declamar poesias ou simplesmente falar, cantinhos com materiais gráficos diversos e aquarela, dentre outros. Além disso, aos alunos eram propostos, com antecedência, alguns desafios que constavam de trechos poéticos curtos a partir dos quais se pudesse fazer uma “livre associação”, de forma a produzir escritas livres como expressão do que aquele poema despertou no participante.

No início de cada encontro, além da professora responsável pelo projeto, os alunos ficavam encarregados de disponibilizar, aos demais, objetos culturais diversos, ou simplesmente se expressar livremente. Os objetos culturais selecionados foram apresentados de modo a oferecer não apenas o contato passivo com o material, mas momentos de apropriação coletiva e atribuição de sentidos singulares à experiência vivida pelo grupo.

Após a narrativa (poesia, prosa, canto, trecho de livro) de cada apresentador, o grupo se posicionava em direção ao acolhimento da experiência relatada, o que possibilitou a nomeação de sentimentos, impressões e descobertas, atividades que proporcionaram a abertura ao trabalho construtivo do grupo, a cada encontro, de modo a acolher movimentos criativos que emergiam do convívio grupal.

Os convites para cada um dos encontros foram feitos artesanalmente. A capa consistia em um desenho colorido de um barquinho no mar, debaixo de um céu com nuvens; além da praia e da terra, havia um trenzinho carregando flores. Junto à imagem, inserimos a frase: - “entre o céu, o mar e a terra, há um lugar...”. Na parte interna do convite, lia-se: “que lugar é esse? Escritas da alma”. Em seguida, a localização: “faz divisa ao norte com a Psicanálise, ao sul com a poesia e prosa poéticas, a leste com a imaginação e a oeste com o realismo fantástico”. Enfim, buscou-se, em cada aspecto do projeto, aguçar diferentes formas de sensibilidade estética. Cada encontro foi registrado sob a forma escrita e as exposições orais foram fotografadas, gravadas e, eventualmente, filmadas, a partir do consentimento do grupo.

RESULTADOS

Desde o nosso primeiro encontro, no projeto, os alunos começaram a levar suas “escritas da alma”, que iam sendo apresentadas sob diferentes formas artísticas. Criaram um “rap das abordagens” – um texto cantado e apresentado por quatro estudantes para contar o caso clínico *O homem dos ratos*, de Freud (Freud, 1909/2013). Segue abaixo um breve trecho do texto criado pelos alunos:

Hoje apresentaremos *O homem dos ratos*. Por mais que seja estranho, atenham-se aos fatos. Não confundam com Skinner, que trabalha com animal. A Psicanálise é profunda, não é experimental. Nossos ratos são símbolos de padecimentos e obsessões sobre atos violentos sofridos por um jovem inteligente que foi traumatizado por um pai amoroso, porém despreparado. (...) Ao chegar ao doutor Freud, disse:- “Freud, minha piscina está cheia de ratos, minhas ideias já não correspondem aos fatos”. (...)

A arte com as palavras permitiu aos estudantes imaginarem como seria a narrativa do caso clínico nos moldes de um jovem mais próximo deles próprios, de modo que agregaram Freud a Cazusa, ampliando a referência metafórica dos “ratos”, o que produziu um resultado surpreendente.

A partir de breve trecho do poema de Adélia Prado, “*não quero a faca, nem o queijo. Eu quero a fome*”, proposto como desafio à escrita, um aluno escreveu:

Os banquetes mais suntuosos que me são servidos não servem para o que desejo. Eles enfastiam, me tornam pesado e sonolento. Não quero alimento para o meu estômago, não em excesso. (...) Não! Se for assim, eu quero a fome! Quero sentir em minhas entranhas essa ardência motivadora que me faz buscar os alimentos, que, para além do corpo, saciam o espírito! Ao meu corpo já estimulam e entorpecem de tal forma, com todos esses falsos meios de satisfação, que sinto as náuseas que revolvem com violência as entranhas dos envenenados. Querem tamponar com essa imundície tóxica o abismo que me cinde ao meio, distraíndo-me dos ecos que ressoam das profundezas de minha insatisfação; distraíndo-me desse vórtice em meu peito que espirala toda a possibilidade de sentido para um buraco negro que suga até a última gota o meu riso e o brilho do meu olhar, distraíndo-me da inundação de minha alma pelas águas glaciais da desesperança. (...)

Não imaginávamos que havia tantos poetas dentre os alunos. E com o passar dos encontros, fomos percebendo que eles iam utilizando a prosa poética para interpretar o mundo e a si mesmos, como forma de organizar e atribuir sentido às suas experiências.

Depois de outro desafio proposto. Dessa vez com o trecho de Clarice Lispector: “*vou criar o que me aconteceu. Só porque viver não é relatável. Viver não é vivível. Terei que criar sobre a vida. E sem mentir. Criar sim. Mentir não. Criar não é imaginação, é correr o grande risco de se ter a realidade*”, uma aluna escreveu:

Encaixo-me em mim, como nunca antes havia feito. Não porque nunca antes assumi forma una, mas porque nunca ousei admitir uma integridade final. Sou caos em potencial e a qualquer pequena fagulha estou desfeita. Mas em pedaços embaralho-me, brinco com o que há de mim, faço festa com tudo o que posso ser. Importo para quem estou as peças nascidas do mundo que me toca; realoco os astros de mim em uma nova órbita; despeço-me do que não mais me emociona. Reorganizo-me e sou de novo o que nunca fui, porque tudo o que não quero ser é quem eu era. Reafirmo-me em minha instabilidade, pois a pobreza da mesmice não mareja olhos, não leva à boca dentes, não faz os ouvidos dançarem junto à música. Equilibro-me no desequilíbrio necessário de quem a cada instante é novo. Desenho-me como mosaico, nunca acabado e não passível de esvaziamento. Permito-me não saber qual será a próxima disposição que farei de mim, e não me envergonho da insegurança desse processo. Refazer-se tantas vezes exige a coragem de se deixar recompor. (...)

Ao entrar em contato com essas lindas escritas, aprendia com os estudantes novos modos de dialogar com eles e de conhecê-los, como a confirmar o que nos mostra Lamanno-Adamo (2017, p.109): “a arte nos chama para ver e dialogar com aspectos de nós mesmos, até então em estado de ocultamento”.

Podemos perceber, a partir dos trechos selecionados para ilustrar as *Escritas da alma*, que a experiência com o projeto se coadunou em uma brincadeira séria, em que a cada um foi possibilitado falar de si, de forma poética, um livre exercício de sensibilidade compartilhada no grupo. Abriu-se assim um espaço mágico em que os objetos culturais foram usados no sentido winnicotiano, um uso criativo, em um espaço-tempo, nem interno, nem externo, mas transicional, onde foi permitido ser verdadeiramente, expressar o si-mesmo/self (Winnicott, 2019), cujo efeito colateral foi a ampliação da capacidade de sentir com os outros, de imaginar e criar.

Diante do excerto de Fernando Pessoa: (...) “*procuro esquecer do modo de lembrar que me ensinaram, e raspar a tinta que me pintaram os sentidos, desencaixotar minhas emoções verdadeiras, desembrulhar-me e ser eu*”,

um aluno escreveu:

“a vida, pouco na mão lhe resta. Entre os dedos escorre líquida e carregada ao se virar para o escuro que cobre os olhos, que na parede desliza até o espelho. Percebe seu olhar decaído, aproxima-se de si, frio e apagado... Se estranha! Pela primeira vez se vê quem se é, sem os demônios que lhe enfiaram goela abaixo. Se enxerga desnudo de tudo o que o vestiram.” (...)

A cada encontro, os estudantes iam se soltando cada vez mais e todos queriam ter um momento para narrar sentimentos e escritas ao grupo. Começaram a contar sobre seus dramas pessoais e como sentiam o rompimento de vínculos com colegas que haviam se desligado do curso. Contaram também sobre a amizade que sentiam uns pelos outros, fizeram dedicatórias e demonstrações de afeto. Além disso, falaram sobre sentimentos de solidão, das dificuldades de adaptação na cidade em que estudam psicologia, distantes dos pais; e ainda de suas inseguranças e dores referentes ao crescimento emocional. Cantaram, declamaram poesias, divertiram-se e se aproximaram mais uns dos outros.

Quem gostava de dançar propunha um número de dança. Assim fez uma aluna que levou seus sapatinhos de fazer aula de sapateado e dançou uma coreografia, acompanhada de uma música, especialmente selecionada para a ocasião. Mas, antes, indagou-me se havia um chão seguro onde pudesse usar livremente seus sapatos de modo a não riscar o assoalho. Sendo assim, as experiências dos jovens reunidos no grupo pareciam procurar um “chão seguro” para se alojarem, como se o olhar atento de docentes e colegas acenassem com a possibilidade de liberdade para se descobrirem sendo eles mesmos, sem censuras, com suas forças e fragilidades.

Quem gostava de teatro propunha uma cena, que, inventada num encontro, era apresentada num encontro posterior. E assim podíamos verificar a presença de vários talentos artísticos. Foi surpreendente constatar que, a partir de um breve convite de participação em projeto de extensão, eles pudessem criar tantas belas narrativas!

Quem gostava de cantar e tocar cantava e tocava, de modo que pudemos ouvir o canto de uma aluna muito tímida, que quase não participava das discussões em aula, mas que, no clima do projeto, mostrou ter uma linda voz, para espanto de todos.

Alguns alunos também declamaram longas poesias de cor. Além disso, outra estudante, que se queixava de sua imensa insegurança, depressão e dificuldades de dar continuidade aos seus projetos e escolhas, compartilhou este trecho:

“Minha vida é como se fosse uma lâmpada em um canto de uma mesa. Fácil de alguém derrubar e surpreendentemente se quebrar toda, com uma mínima aptidão de se manter intacta. Uma lâmpada frágil, contendo uma luz fraca, sem vida e monótona que pode esvair-se facilmente. Ou que pode se queimar desamparadamente com tamanha rapidez, sem dó, através de uma maldade horrenda, sem conseguir se proteger de tudo ao seu redor, pois sua única proteção é o que a mantém acesa. Mesmo com tantos esforços para continuar iluminando a si mesma e a todos que também precisam dessa luz para continuarem vivos. O que será de mim sem minha própria luz? Como reconstruir minha proteção?”

DISCUSSÃO

O campo intrapsíquico, quanto mais bem constituído, mais torna capaz o sujeito de estabelecer boas e fecundas relações com outros sujeitos e com o mundo da cultura, tornando-se assim mais apto à interdependência e menos predisposto a alimentar fantasias de autossuficiência. A emergência da elaboração imaginativa do corpo

pressupõe acontecimentos estéticos, a exemplo da visão do rosto, do sentir os cheiros, do ouvir os barulhos do outro cuidador, tão especial, sem o qual não há vida humana possível. Assim, vamos seguindo, ao longo da vida, nomeando o mundo e sendo nomeados pelos outros, em meio a músicas, cores, texturas, cheiros, sonhos, frustrações, histórias, mas sempre cercados de alguma forma de arte e criatividade, por meio das quais seguimos em busca de reconhecimento, de sermos vistos, olhados, considerados, amados e aceitos, pelo que somos.

Em sua totalidade, os encontros no âmbito do projeto possibilitaram uma rica troca simbólica, o usufruir de uma sensibilidade poética que nos inspirou cada vez mais, o que resultou no preparo de aulas mais ricas e apaixonantes nas quais íamos inserindo diferentes recursos artísticos. Assim, a partir do que os alunos iam produzindo, surgia uma outra linguagem, “uma linguagem que produz uma espécie de poesia à vida e que tem por efeito criar outras imagens, pensamentos, poesias em quem a ouve” (Lamanno-Adamo, 2017, p.139). Para nos aproximarmos mais da ideia da importância da experiência estética para a constituição subjetiva, acompanhamos Safra (2005, p.39):

O bebê vive mergulhado em sinestésias, sons, temperaturas, cores e cheiros. Tenho observado que cada pessoa constitui seu *self* e sua maneira de ser, por meio de determinada forma sensorial que ganhou predominância no mundo do bebê que ele foi. Para alguns, a visão é o sentido fundamental; para outros, o tato, ou o uso da musculatura, a sonoridade, o ritmo e assim por diante.

O *self* se constitui por meio de fenômenos estéticos, um estilo de ser de cada um. O autor diferencia o *self* do eu e compreende o primeiro como “uma organização dinâmica que possibilita a um indivíduo ser uma pessoa e ser ele mesmo” (p.39). Há uma potencialidade do fenômeno estético na construção de si, do mundo e do conhecimento, de modo que só conhecemos de maneira significativa a porção do mundo que podemos criar.

O espaço de criação e expressão poética e artística *Escritas da alma*, por propiciar a produção de subjetividades, a afirmação do ser e estar no mundo com os outros, em contexto de construção de sentidos para o *self*, a cada encontro, configurou-se como um espaço de promoção de saúde mental para alunos do curso de Psicologia. Percebeu-se a importância de se trabalhar com uma noção de saúde em que os aspectos somáticos e psíquicos estejam interligados e que ambos estejam remetidos às dimensões socioculturais da existência individual. Buscou-se, acompanhando Figueiredo (2014), uma teoria geral do cuidado de orientação psicanalítica, em que nossa premissa é a de que a psicanálise situa-se entre as práticas de cuidado. Figueiredo (2014) propõe uma concepção abrangente de cuidado que diz respeito a todo o campo das ocupações e preocupações recíprocas em que a dependência e a independência individuais sejam tomadas como “fatos da existência”, envolvendo o que é próprio da condição humana, de nosso ser-no-mundo. Com efeito, o homem não sobrevive sem cuidados oferecidos e recebidos; é sempre de cuidados recíprocos que se trata.

Quando pensamos o trabalho do psicólogo como agente cuidador, suas tarefas implicam: a) sustentar e conter, o que envolve integrar e dar continuidade (Winnicott, 2010) e transformar (Bion, 1994), como funções integradas do outro transubjetivo em sua identidade, este que se posiciona como agente propiciador de identificações primárias; b) a tarefa de reconhecer ou espelhar as necessidades, o gesto espontâneo, as ansiedades, as fantasias de desejo, as formas e transformações do *self* como funções implicadas do outro da interpessoalidade. Este último é agente propiciador da reflexividade e da apropriação subjetiva da experiência (Figueiredo, 2014).

A saúde está associada à troca de cuidados e, mais que isso, a uma troca regulada, pela mutualidade, do ser no mundo com o outro, a exemplo das identificações projetivas cruzadas entre mãe e bebê. Para Figueiredo (2014), cultura e mutualidade andam juntas, contexto em que a cultura de modo geral – a arte, a educação, o conhecimento, as psicoterapias – constitui-se como objetos transformacionais, que possuem uma dimensão de permanência, uma

natureza social e coletiva, uma possibilidade de acumulação e preservação, aspectos que facilitam a experiência da descoberta de si e de suas possibilidades de vir a ser.

Buscamos uma noção de saúde que nos posicione além de qualquer normatividade como mera generalidade estatística, e além da simples oposição entre saúde e doença. Trata-se da articulação constante entre saúde individual e ambiente físico e social. Além disso, está em pauta o oferecimento e a troca de cuidados entre organismo e ambiente, implicando a questão da confiança do indivíduo no ambiente e da confiança do ambiente no potencial de amadurecimento e singularização de cada indivíduo.

Há, segundo Winnicott (2010), uma relação complexa e paradoxal entre saúde e não saúde, ou seja, há sempre que se considerar tanto a presença dos processos e estados de integração, quanto o reconhecimento da importância dos processos e estados de não integração e de desintegração. Sendo assim, ambos são indispensáveis no processo de crescimento e de expansão do self, o que se dá em termos da alternância entre posições, esquizoparanóide e depressiva (Klein, 1989). Há, portanto, as perdas, as crises, os sofrimentos, as agonias e os adoecimentos saudáveis de cada idade, de cada circunstância, de cada pessoa.

Para Figueiredo (2014), a associação entre saúde e sofrimento ou capacidade de suportar sofrimentos, levou Winnicott a fazer uma alusão explícita à posição depressiva, tal como concebida por Melanie Klein, a aceitação da integração, da ambivalência de sentimentos, o que coloca à prova a capacidade de metabolização, a expulsão da desordem e a introjeção da ordem, ou, em termos bionianos, a transformação de elementos beta em elementos alfa (Bion, 1994).

Outra maneira de tratar da condição subjetiva do indivíduo saudável é recorrendo ao conceito de depressividade, cunhado por Pierre Fédida (2002), que significa a capacidade de autorregulação das intensidades pulsionais e das intensidades de presença e ausência dos objetos, com os potenciais traumatizantes que correspondem a essas intensidades. Sob o primado da condição de depressividade, as dores, os sofrimentos e as alegrias são mais bem tolerados como partes da montagem somatopsíquica apta a suportar os processos vitais. Sob este ângulo, saudável é o sujeito apto a operar com algum sistema autorregulatório em seus processos vitais, ou seja, capaz de assegurar uma capacidade de sofrer compatível com seus recursos psíquicos.

Para Figueiredo (2014), “podemos entender a depressividade nos humanos como uma conquista da introjeção de um objeto transformacional competente” (p.25). Para sintetizar, de acordo com esse autor, a questão da saúde, nos remete:

a) ao mundo interpessoal, o mundo dos cuidados recíprocos da mutualidade, o que envolve cuidar, deixar-se cuidar e ser cuidado, tanto no nível individual, quanto das coletividades;

b) ao mundo pessoal ou interno, o da vida subjetiva em sua intimidade, que inclui sonhar. Nesse sentido, tanto Freud quanto Bion nos mostram a importância da atividade onírica, tanto diurna quanto noturna, sendo a última a responsável pela elaboração das experiências emocionais e de sua metabolização;

c) ao mundo da experiência cultural, que é também um mundo de cuidados simbólicos do sonhar, do rir, do fazer rir e do brincar, compartilhados socialmente nas formações da cultura e na vida institucional. Esse é o campo dos objetos transformacionais mais elaborados – como as obras de arte, a música e a literatura, as quais são capazes de fornecer moradas coletivas aos humanos e que, embora pertençam ao mundo externo, operam no espaço potencial de cada um. Nesse aspecto, a saúde equivale à capacidade de participar criativamente da vida cultural e institucional.

Cuidar vem do latim *cogitare* e uma das acepções de cuidar é meditar com ponderação, cogitar, pensar. Além disso, uma das acepções de pensar é aplicar penso ou curativo, tratar adequadamente, cuidar. Ambas as acepções dos dois verbos nos remetem à capacidade de aquisição de um aparelho para pensar e de um aparelho para cuidar, de si e do outro, o que nos leva à reciprocidade, às responsabilidades individuais e sociais de cuidar (Figueiredo, 2014).

A mãe é experimentada como o primeiro objeto transformacional do bebê. Ela o provê de efeitos de sustentação, continência e reconhecimento. Além disso, o objeto transformacional é identificado experimentalmente pelo bebê com processos que alteram a experiência do *self*, ou seja, são vários os processos implicados nas atividades de objetos transformacionais: os processos de constituição e reconstituição narcísicas, os processos de saúde (somática e psíquica) e os processos culturais e civilizatórios, entre os quais os de sublimação, criação e fruição de objetos estéticos.

O potencial de gerar transferência, essa poderosa força de atração, está diretamente relacionado às características do objeto transformacional, que é fundamentalmente um objeto estético, sendo que, para ele, canalizamos nossos impulsos, todas as nossas memórias e anseios e neles deixamo-nos transformar. Dentro desse quadro de referências, a própria cultura ou civilização é tomada como uma rede relativamente estável e organizada de objetos transformacionais que são capazes de oferecer cuidados a todos capazes de habitá-los e a partir dos quais nos constituímos. Sendo assim, os objetos transformacionais funcionam para cada um de nós como interpretações do mundo e de si, organizando nossas experiências e dando-lhes sentidos.

Freud (1914/2017), em *Os poetas e o fantasiar*, mostra-nos que as relações da fantasia com o tempo são muito significativas, de forma que no fantasiar, passado, presente e futuro se alinham como um cordão percorrido pelo desejo. Afirma Freud: “a criação literária, como o sonho diurno, é uma continuação e uma substituição, a uma só vez, das brincadeiras infantis” (p.58).

Nas escritas dos estudantes, fomos percebendo que o que entrava em jogo, de forma lúdica, era a tentativa de elaboração de uma síntese, ainda que provisória, de si mesmos, em que eles podiam sintetizar passado, presente e futuro em uma narrativa poética que fizesse sentido, ao mesmo tempo que aliviavam suas angústias, um laborioso trabalho de metabolização do vivido, que ia se tornando terapêutico, para cada um dos participantes.

Com efeito, a partir desses encontros, cada participante começou a buscar suas próprias metáforas, de modo que estava posto o assoalho estético, uma espécie de tapete narrativo capaz de funcionar como continente propício para o desenvolvimento da sensibilidade e da receptividade dos estudantes à vida psíquica como um todo.

Arte e Psicanálise fundam um campo fecundo para a criação da poesia em cada um e, sendo assim, o projeto *Escritas da alma* representou a possibilidade de livre expressão e de incremento da sensibilidade às metáforas da vida, na tentativa de imprimir mais humanidade às coisas, fazê-las falar, a partir de seus vestígios, de suas significações, esforço imensamente facilitado pela mediação das artes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O espaço de hospitalidade ofertado ao aluno do curso de Psicologia *Escritas da alma* resultou na possibilidade de contato com objetos transformacionais promotores de saúde psíquica. Além disso, sob o impacto de emoções estéticas, os alunos puderam escrever, cantar, contar suas histórias de vida e transformar suas angústias em

expressões artísticas diversas.

A formação do psicólogo requer tempo de construção e cultivo de si pela reflexão, leituras cuidadosas e experiências emocionais formadoras que implicam as teorias, o saber-fazer, os afetos, o corpo, a mente, o sentir e o pensar, de modo que, para que todos esses aspectos sejam integrados, não bastam os componentes curriculares oficiais, mas há que se acrescentar outros espaços formadores, além da sala de aula, como a participação dos estudantes em projetos de extensão universitária.

A partir dessa experiência, pudemos descobrir, juntos, uma linguagem dos afetos, capaz de restituir a poesia à vida, de promover uma abertura a inúmeras possibilidades de ser e vir a ser, de cuidar e de se deixar cuidar pelos outros. As atividades promovidas nos encontros atuaram como uma espécie de curativo, que nos permitiu passar a limpo nossas vidas e reviver emoções guardadas, mas que não perderam sua força e vitalidade.

Referências

Agamben, G. (2009). *O que é o contemporâneo e outros ensaios*. Chapecó: Argos.

Barreto, R.A. & Santana, J.P.C. (2015). A arte de grupos de discussão sobre hospitalização. *Revista Estudos Psicanalíticos*. 43(43), 145-151.

Biazus, C.B. & Cezne, G.O. (2010). Expressões do inacabado: encontros entre psicanálise e arte. *Psicanálise & Barroco em Revista*. 8(2), 49-73.

Bion, W.R. (1994). *Estudos psicanalíticos revisados*. Rio de Janeiro: Imago.

Birman, J. (2012). *O sujeito na contemporaneidade: Espaço, dor e desalento na atualidade*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

Borges, S. (2015). A função profanatória da Psicanálise e da Arte. *Revista Percurso – NEMO*. 7(1), 171-185.

Han, B. C. (2015). *Sociedade do cansaço*. Petrópolis: Vozes.

Debord, G. (2007). *Sociedade do espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto.

Fédida, P. (2002). *Dos benefícios da depressão: elogio da psicoterapia*.

Figueiredo, L.C. (2014). *Cuidado, saúde e cultura*. São Paulo: Escuta.

Frayze-Pereira, J.A. (2011). Uma poética – psicanalítica: Christopher Bollas e a questão da experiência estética. São Paulo: *Revista Ide*. 34(53), 181-198.

Freud, S. (1908/2017). O poeta e o fantasiar. In: FREUD, S. *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica.

- Freud, S. (2013). Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“O homem dos ratos”, 1909). In S. Freud. Observações sobre um caso de neurose obsessiva [“O homem dos ratos”], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910) (Vol. 9, pp. 13-112). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1909)
- Freud, S. (2014). A questão da análise leiga: diálogo com um interlocutor imparcial. In S. Freud. Inibição, sintoma e angústia e outros textos (1926-1929) (Vol. 17, pp. 124-230). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1926)
- Giddens, A. (1991). *As consequências da modernidade*. São Paulo: Editora Unesp.
- Klein, M. (1989). *Inveja e gratidão*. Rio de Janeiro: Imago.
- Lacan, J. (2010). *O Seminário. Livro 2: o Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Lamanno-Adamo, V. (2017). *Vivendo na fronteira: Psicanálise e arte*. Curitiba: Appris.
- Nosek, L. (2017). Dentro da psicanálise, dentro da cultura. *Revista Brasileira de Psicanálise: Febrapsi, 50 anos*. (Número comemorativo), 69-86.
- Poli, M. C. & Faissol, K.R. (2015). Adolescer com arte (e psicanálise): projetos escolares. *Revista Educação e Realidade*, 41(3), 833-851.
- Rivera, T. (2016). Ensaio sobre arte e testemunho: Rodrigo Braga e a invenção da experiência. *Psicologia USP*. 27(1), 41-48.
- Safra, G. (2005). *A face estética do self: teoria e clínica*. São Paulo: Unimarco.
- Türcke, C. (2010). *Sociedade excitada – filosofia da sensação*. Campinas, editora Unicamp.
- Winnicott, D.W. (2010). *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artmed
- Winnicott, D, W. (2019). *O brincar e a realidade*. São Paulo: Ubu Editora.